

## Centenário de nascimento de Paulo Freire: um legado de fraternuras e de auto(trans)formação com as gentes e o mundo

The centennial of Paulo Freire's birth: a legacy of fraternity and self(trans)formation with peoples and the world

*Centenario del nacimiento de Paulo Freire: un legado de fraternuras e de (auto)transformación con las personas y el mundo*

Celso Ilgo Henz – Universidade Federal de Santa Maria

Melissa Noal da Silveira – Universidade Federal de Santa Maria

### RESUMO

No ano em que se comemora o centenário de Paulo Freire, 1921-2021, seu legado torna-se cada vez mais imprescindível tanto para o mundo da educação como para os mundos que anseiam pela busca humanizadora de gentes em constante auto(trans)formação. Re-conhecer a história desse autor, suas mobilizações e práxis nas fraternuras com as gentes e o mundo é o que nos move nesta escrita e nos convoca para celebrar a vida daquele que é o maior educador de todos os tempos não só do Brasil, mas do mundo. O menino/homem Paulo Freire convoca-nos para ser mais, não negando nossas condições convida-nos à vida, reconhecendo e assumindo o que vimos sendo socio-historicamente. Suas andarilhagens constituíram-se num compromisso do anúncio abundante em defesa de vida digna, testemunhando que pela e na educação nos tornamos mais gente.

**Palavras-chave:** Paulo Freire; centenário; auto(trans)formação.

### ABSTRACT

In the year in which Paulo Freire's centennial is celebrated (1921-2021), his legacy is increasingly essential both for the world of education and for the worlds that yearn for the humanizing search of peoples in constant self(trans)formation. Re-cognizing the history of this author; his mobilizations and praxis in fraternities with peoples and the world; this is what moves us to write this and calls upon us to celebrate the life of the he who is the greatest educator of all times, not only in Brazil, but in the world. Paulo Freire calls us to be more, not denying our conditions, he invites us to life, acknowledging and taking up what we have been sociohistorically. His wanderings constituted a commitment to the abundant proclamation in defense of a dignified life, bearing witness that through and in education we become better people.

**Keywords:** Paulo Freire; centennial; self(trans)formation.

## RESUMEN

En el año que se celebra el centenario de Paulo Freire, 1921-2021, su legado se vuelve cada vez más imprescindible tanto para el mundo de la educación como para los mundos que anhelan la búsqueda humanizadora de personas en constante (trans)formación de sí mismos y del mundo. Re-conocer la historia de este autor; sus movilizaciones y praxis en fraternuras con gentes y el mundo; esto es lo que nos mueve en este escrito y nos llama a celebrar la vida de quien es el mayor educador de todos los tiempos, no solo en Brasil, sino en el mundo. Paulo Freire nos llama a ser más, no negando nuestras condiciones, nos invita a la vida, al pregón abundante en defensa de una vida digna que a través y por la educación seamos más gente.

**Palabras-clave:** Paulo Freire; centenario; auto(trans)formación.

Em 19 de setembro de 1921 nascia Paulo Reglus Neves Freire, quarto filho de Edeltrudes Neves Freire, conhecida como Dona Tudinha, e de Joaquim Themístocles Freire. Era uma segunda-feira, justamente o dia em que seu pai estava com a saúde debilitada, mas de súbito houve o seu restabelecimento para então poder conviver os próximos treze anos junto ao filho que acabara de nascer. Os pais de Paulo Freire tiveram importante presença em sua vida e em sua formação como ser humano com tolerância, cuidado e amor, sem que fossem autoritários ou deterministas, como era muito comum na época. O pai era capitão da Polícia Militar e espírita kardecista, a mãe uma doméstica e católica; embora com profissões e crenças religiosas distintas, conviviam respeitando o diferente e o peculiar um/a do/a outro/a.

Assim propiciavam que a família pudesse com-viver com o diferente, com o divino para além da clausura de uma ou outra religião. Isso irá marcar sobremaneira o caráter e a práxis de Paulo Freire em todo o seu legado no projeto de humanização do mundo e da educação com as diferentes culturas e povos. Nessa ambiência familiar amorosa e harmoniosa, o menino Paulo ia aprendendo o respeito à individualidade de cada pessoa e o acolhimento reconhecedor no convívio com as diversidades.

## Amores e dores na/da infância...

A infância de Paulo Freire sempre foi aclamada como um tempo de felicidade, que deixou dentro de si a semente do sonho; essa experiência possibilitaria, depois de algum tempo, deixar aflorar toda a sua práxis no mundo, com o mundo e com as gentes. A possibilidade de falar de seus sonhos, de suas emoções e indagações foi carinhosamente acolhida no seio familiar; destarte, Paulo foi se tornando um “menino conectivo” (apud MAFRA, in SILVA; MAFRA, 2020, p. 52), aprendendo a democraticamente entender e viver com o mundo e as diferentes gentes, construindo uma infinidade de vínculos, congregando em torno de si uma espécie de comunidade fraterno-solidária comprometida com a transformação das realidades opressoras e coisificantes. Em suas andarilhagens, foi crescendo e se auto(trans)formando sócio-histórico-culturalmente como homem pensante, sem perder a curiosidade de criança

em conhecer mais e melhor, com muita sensibilidade para com os muitos seres e realidades que ainda não conhecia.

O menino Paulo Freire, além de aglutinar tantas pessoas em torno de si e de um grande projeto humanístico, também conectava as pessoas entre elas mesmas. É por isso que, em certos parâmetros, ainda que bem distantes do sentido discutido por Bauman, mas até ressignificando essa ideia, podemos falar em uma Comunidade Freiriana. Para além da identidade dessas pessoas com a vida e a obra do educador, elas se atraem e se aproximam por um projeto emancipatório comum (MAFRA, p. 52).

O menino da geração dos lampiões e lamparinas que aprendeu a ler *À sombra dessa mangueira* foi para a escolinha da professora Eunice Vasconcelos, que o marcaria como referência do bem-querer como se a escola fosse uma extensão de sua casa. A escolinha da professora Eunice não lhe dava medo, tampouco castrava sua criatividade de menino, pois ali a professora já percebia a inegável amorosidade naquele menino curioso. Paulo ia tomando para si as aprendizagens de muitas *conectividades*, que o tornariam o *menino-homem conectivo* com muitas outras práxis e com-vivências com as gentes:

Em torno dela (*conectividade*) orbitam outras categorias valorativas e epistemológicas – admiração, amorosidade, criticidade, concretude, curiosidade, inacabamento, incompletude, inconclusão, diálogo, emotividade, encantamento, esperança, espontaneidade, informalidade, ingenuidade, inquietação, intuição, inventividade, lealdade, ludicidade, ousadia, solidariedade, teimosia, totalidade – as quais, transdisciplinarmente entrelaçadas, formaram uma complexa e universal trama que, em maior ou menor escala, compuseram dialeticamente o *menino* e o *homem* em Paulo Freire (Ibidem, p. 51-52).

Devido às condições financeiras, a infância foi do Recife a Jaboatão, e a partir desse momento as coisas que já eram difíceis precarizavam-se ainda mais. O momento que o caminhão da mudança sai da frente da casa deixando a mangueira, o jardim e as histórias e sonhos ali com-vividos, tudo era de todo modo doloroso, marcando uma das etapas mais difíceis com que Paulo Freire teve de viver. Com dez anos vai para esse novo contexto, ainda mais empobrecido e difícil; aos treze anos perde seu pai, e a situação se agrava dia a dia. “Era como se estivesse morrendo um pouco. Hoje sei” (FREIRE, 2017, p. 52).

A pobreza que se acercou tinha sabor amargo de sofrimento e angústia, aliada à dor da perda de seu pai, e inaugurava a experiência que faria na memória de Paulo o compromisso e a luta incessante exposta, podemos dizer, em toda sua “Pedagogia do Oprimido”, com-vivida e escrita com os oprimidos e esfarrapados do mundo. Jaboatão então era o lugar que vivificava o sofrimento e marcava as inúmeras perdas: de seu pai, de sua mangueira e também de sua infância, que lhe impunha a antecipação de menino para homem. Freire conseguia “ler” esse como o seu segundo exílio, considerando que o primeiro fora quando saiu da “barriga de sua mãe, e o terceiro quando a Ditadura Militar o fez ir para o Chile” (BRANDÃO, 2005).

Podemos reconhecer e ressignificar que o garoto que brincava “à sombra da mangueira” aceitou o desafio que a sociedade capitalista brutal, injusta, desigual e

excludente, geradora de muitas fomes, mas principalmente da fome que faz doer o estômago e o corpo inteiro, e não se curvou. Aceitou o desafio de “desafiado pela dramaticidade da hora atual, descobrir o seu lugar no cosmos” (FREIRE, 1979, p. 29). E com esperança foi fazendo a sua “leitura de mundo”, dialetizando-a com diferentes “leituras da palavra” em uma permanente e inacabada existência-escritura de “aventuras históricas” no esperar de inéditos viáveis com crianças, adolescentes, jovens, mulheres e homens, sempre no compromisso e lutas por um mundo e uma educação com mais condições de reconhecimento, dignidade e bonitezas para todas e todos.

E aquele menino que gostava da escolinha da professora Eunice, que encontrava em sua família a referência de amorosidade, o menino curioso encontrou, forçosamente, a miséria de pão e a miséria das gentes, desgenticando-se frente à dor do outro, da outra, *conectando-se* com sua própria dor. A fome tomou conta, entrando em sua vida e família sem pedir licença e se achegou por muito tempo. Entendeu que o corpo desfalecido pela fome é outro corpo, não mais o daquele garoto que empina papagaio, que toma banho no rio... A fome destrói a mágica relação do lúdico, mata os sonhos e torna as utopias mais distantes. Desde a mais tenra infância/adolescência, Paulo já sentia que esse mundo precisava ser mudado.

As carências foram muitas, desde não ter o que comer e sentir a dor de sua mãe quando lhe negado, por diversas vezes, um crédito no armazém para comprar qualquer punhado de qualquer coisa que, ao fim e ao cabo, seria para alimentar os seus; esta fome que humilha, que diminui, que faz com que o menino já não saiba mais quem é no mundo. Vida sofrida, com mágoa de ter visto tantas vezes sua querida mãe intimidada, humilhada e com vergonha, que marcaria Paulo Freire por toda a sua vida. Tudo isso faria com que a humanidade pudesse testemunhar que esse menino se tornaria alguém cujo senso de justiça social seria sua fonte contra as mais nefastas condições de vida e sua preocupação em mudar o mundo.

Apesar de tudo isso, Paulo Freire torna-se um homem sem rancores, sem deixar que a experiência de dor fosse o legado a ser vivido por toda a sua andarilhagem planetária. Ao invés da memória de menino sofrido, que se perpetua em sua existência, ele resgata a amorosidade e tolerância que conheceu em sua família e nas vivências infantojuvenis; e assim se assume como menino-homem conectivo a construir fraternuras, constituindo-se pessoa que acredita poder ajudar a mudar o mundo, ajudar mulheres e homens a confiar em si e assumir-se com condições de lutar para ser mais.

Em meu caso, porém, as dificuldades que enfrentei, com minha família, na infância e na adolescência, forjaram em mim, ao contrário de uma postura acomodada diante do desafio, uma abertura curiosa e esperançosa diante do mundo [...] em tenra idade, já pensava que o mundo teria de ser mudado. Que havia algo errado no mundo que não podia e nem devia continuar (FREIRE, 2013, p. 41).

## Aprendendo a ler "mundos" e "palavras"...

Ao ingressar no ensino secundário começa a processualidade de uma formação escolar humanística; muito embora seus amigos que tinham condições financeiras já estivessem na Faculdade, Paulo ingressava no primeiro ano do chamado ginásio. Novamente sua mãe exerce fundamental papel ao buscar, incessantemente, uma escola particular que o recebesse gratuitamente. Assim, o Colégio Oswaldo Cruz oportunizou que Paulo desenvolvesse seus estudos e continuasse seus processos de formação. Consegue formar-se em Direito em 1947, porém não se identifica com a profissão e começa então a lecionar como professor de Língua Portuguesa no mesmo colégio que o abrigou. Ali nascia a sua grande paixão pela docência.

Entre os grandes gramáticos, entre livros adquiridos em sebos, no fascínio pela obra escrita é que Paulo Freire se descobre professor, muito antes de adentrar a sala de aula como mestre; a arte das letras e das palavras fez desse homem um anunciador de inéditos-viáveis, inclusive os seus próprios.

A Faculdade de Direito proporcionou que Paulo Freire conhecesse mais profundamente as letras e também fortaleceu a formação humanística e, naquilo que seria uma maior compreensão do mundo, as leituras de mundo. Foi assim que, desde a "Escola da Eunice", o Colégio Oswaldo Cruz e a Faculdade de Direito, ele ia aprendendo outros "ensinos", mas entendia que "não precisava deixar de aprender as lições do MUNDO e da VIDA. Ao contrário, quanto mais ele aprendia de novo a ler letras, a ler fonemas, a ler palavras, a ler frases, a ler histórias e a ler livros inteiros, cada vez mais ele queria seguir aprendendo a ler outras leituras da VIDA e do MUNDO" (BRANDÃO, 2005, p. 21).

Logo após começar a lecionar no Colégio Oswaldo Cruz, além das aulas particulares, foi trabalhar no SESI de Pernambuco, onde teve a oportunidade de contato com a educação de adultos e com os trabalhadores, muitos deles não alfabetizados. Justamente aí Paulo Freire vive a realidade de que a educação precisaria alcançar outras maneiras, e estar à disposição das pessoas e do povo para com essas gentes mobilizar-se pelo resgate das condições de vida digna em uma sociedade justa e igualitária, sem oprimidos e opressores.

A partir da chegada nesse órgão, Freire começa a ser reconhecido sistematicamente, obtendo melhor condição financeira e lhe proporcionando que viajasse pelo Brasil dando assessoria aos educadores regionais do SESI de outubro de 1957 a 14 de abril de 1961. Em uma dessas viagens conhece, em Minas Gerais, o professor Anísio Teixeira, que o considera como "educador de grande valor" (FREIRE, 2017, p. 73).

A inovação, a coragem e o inédito na proposta político-epistemológico-pedagógica de educar de Paulo Freire em um tempo altamente conservador, inclusive na contestação do uso de cartilhas de alfabetização para a educação popular,

principalmente para a alfabetização de adultos, começaram a ganhar reconhecimento. Aqui se fortalecem as bases do que será conhecimento para esse educador cujas propostas de ensino-aprendizagem tinham como orientação o diálogo crítico-reflexivo: "Aos educadores: Evite-se fazer conferências, o círculo de pais e professores deve ser em debate" (IDEM). Assim esse homem começa um movimento que aflige a classe dominante, pois se o SESI fazia um trabalho até então assistencialista, como lidar com a perspectiva de autonomia em que os trabalhadores podiam, então, ser também responsáveis pela apropriação do próprio processo de prestação de serviços? A contradição entre a ingênua perspectiva de que a instituição servia aos trabalhadores e a perspectiva de que se esses trabalhadores desenvolvessem a consciência histórica de que poderiam entender e lutar pela minimização da gigantesca distância daquilo que posteriormente Paulo Freire vai chamar de luta de classes. Com isso ficavam evidentes os interesses nas manutenções das ordens sociais, no assistencialismo como forma de abrandar as muitas ânsias do povo, diferenças altamente antagônicas.

### **De Angicos para o Brasil e para...**

Partindo dessa experiência é que Paulo Freire alça voos ainda maiores chegando em 1947 a ser docente na Escola de Serviço Social na Universidade do Recife e professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Escola de Belas Artes em 1952. É aprovado em concurso de provas e títulos como livre-docente em 1961 na Universidade do Recife, foi membro do Conselho Estadual de Educação de Pernambuco em 1963. O Serviço de Extensão Cultural (SEC) da Universidade do Recife, criado em 1963, era o sonho de fazer uma Universidade que não fosse apenas a casa do pensamento já conhecido, mas também de aprendizagens de outras maneiras do conhecer-saber, tomando como ponto de partida o senso comum, as manhas e artimanhas de ser do povo, as sabedorias populares, para combater também epistemologicamente os mecanismos e ideias de manipulação que também se engendram no campo da educação. Com essa outra pedagogia iam construindo a possibilidade de superar as situações-limite pelos processos dialógico-reflexivos de conscientização, sempre pela permanente dialética "leitura do mundo-leitura da palavra" (FREIRE; MACEDO, 2013).

O objetivo do SEC era, então, a criação de um meio em que as pessoas do povo pudessem estar criticamente atuando no mundo para mudar a sociedade, transformá-la com justiça, equidade e solidariedade pela educação/alfabetização. A formação de professoras e professores para a educação popular consistia em partir das palavras geradoras, pintadas em guache pelo artista Francisco Brennand, que simbolizavam o cotidiano da vida das pessoas. Com isso foi possível criar grupos de alfabetizadores que utilizavam materiais que chamavam de Método de Alfabetização, e Angicos/RN foi o marco desse empenho. Pessoas não alfabetizadas participavam do Círculo de Cultura, que se desenvolvia pelo diálogo e reflexão a partir e sobre a cultura local, os

saberes populares..., propiciando a tomada de consciência das situações e condicionamentos que minimizam as pessoas como objetos em favor de uma sociedade que manipula para manter o *status quo*. Não obstante, também faz descobrir, re-admirar e reconhecer a força da voz de cada um e cada uma como gente no mundo, não como coisas, pelo “dizer a sua palavra” (FIORI in FREIRE, 1979). Assim, pela conscientização, pela união, pelo jeito de ser viver do e com o povo é que as pessoas se identificam com essa pedagogia de aprender a ler, primeiro o mundo, para logo aprender a letra, a palavra, a sentença, além do “A Eva viu a uva”.

Em 1964, com o golpe militar no Brasil, já nas primeiras horas, a sede do SEC foi invadida, e toda a documentação, material de alfabetização e divulgação foram apreendidos de dentro do câmpus da Universidade do Recife (FREIRE, 2017, p. 99) pelo Exército Nacional. Paulo Freire foi considerado subversivo comunista. Alfabetizar o povo pobre era de todo modo uma insanidade, dizer que aqueles e aquelas miseráveis tinham voz era uma afronta imperdoável. Assim se torna um homem perigoso à segurança nacional, torna-se “um inimigo de Deus e da pátria brasileira”.

Uma vez mais a “dramaticidade” da vez intentava silenciar o menino-homem da “PalavrAção” da “Educação como Prática da Liberdade”, criador da alfabetização com “palavras geradoras” grávidas de sofrimentos, dores, fome, exploração, humilhação, mas também de sonhos e potencialidades de mulheres e homens que começavam a resgatar sua autoestima e confiar em si mesmas e mesmos como capazes de tomar as suas histórias nas próprias mãos e reconstruí-las como autoras e autores de si com as outras e os outros e com o mundo. Socio-historicamente, “ninguém educa ninguém educa ninguém. Os homens (e as mulheres) se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1979); as pessoas auto(trans)formam-se em diálogos e interação com outras mulheres e homens, de cujas feitura tornam-se copartícipes na mesma processualidade em que se engajam cooperativamente na transformação da realidade que as/os coisifica, impedindo que a todas e todos sejam garantidos o direito e as condições de ser mais.

## **Dores e fraternuras no exílio...**

Ainda em 1964, logo após o golpe militar, Freire sentiu a agressividade e a dor física de passar 70 dias na cadeia. Preso fisicamente, não se entregou aos ditames necrófilos daquele então, mas assumiu a condição de “passarinho subversivo”, que voa por outros mundos com outras gentes, ainda que inicialmente num imaginário de sonhos e utopias. Logo após a saída da prisão, ele vai para o exílio no Chile.

Desde lá, Freire torna-se um homem-cidadão-educador do mundo, andarilhando e construindo fraternuras solidárias com muitos povos, culturas, lugares na dialética amorosa e rigorosa “leitura de mundo-leitura da palavra”, semeando e cultivando sementes de esperança e liberdade com aquelas e aqueles que pareciam estar conformadas/os, ingenuamente, com os condicionamentos que lhes foram impostos.

Visitando e trabalhando em diferentes lugares e com muitas gentes antes desconhecidas, o *menino-homem conectivo* desafiava a si, com outras mulheres e outros homens, a assumir-se no compromisso de “mudar esse mundo” e voltar a “gostar de ser gente”. “Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Essa é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado” (FREIRE, 2006, p. 53). Não raras vezes, “viajava” de volta a Recife, ao Brasil, pela saudade de sua infância, dos sabores, cheiros e brasileiras e brasileiros que seguiam fazendo parte de suas memórias. Nas “primeiras palavras” de seu penúltimo livro, “À Sombra dessa Mangueira”, ele assume:

Nascido no Recife, menino que cresceu em quintais, em íntima relação com as árvores, minha memória não poderia deixar de estar repleta de experiências de sombras. [...] Não era por outra razão que, em meus primeiros contatos com o inverno chileno, em manhãs de céu azul, de sol manso e intenso, eu buscava o lado da sombra enquanto nas ruas os outros procuravam o lado banhado pelo sol. No fundo, a memória tropical da sombra é que me levava ao lado sombreado. Por isso, lá chegando, voltava, quase num pulo, para a luz (FREIRE, 2000, p. 15).

“Iluminado” pelas sombras tropicais, foi ao encontro fraterno e libertador em muitos outros mundos para além de seu “primeiro mundo”, o quintal de sua infância, e com outras gentes ousou desencadear uma práxis dialógica – com uma escuta sensível e um olhar atento e acolhedor – reflexiva e criativa, capaz de gerar transformações na realidade e nos próprios seres humanos que vão aprendendo a se assumir como agentes ativos, como sujeitos dos processos nos quais e pelos quais se descobrem sendo gente (ou impedidos de ser), humanizando-se intersubjetivamente. Segundo Henz (2007), nunca se deve desprezar o conhecimento menos consciente ou menos reflexivo, com o qual meninas e meninos, mulheres e homens *vêm sendo*; o desafio é sempre partir da leitura de mundo e de vida ainda não sistematizados para chegar-se, pelo permanente diálogo problematizador e amoroso, a uma concepção mais reflexiva, crítica e sistemática que contribua para desenvolver com todas e todos processos de conscientização e compromisso com a transformação. “A conscientização não é, pois, uma ciência da consciência; ainda que integrando a prática teórica das ciências em sua *práxis* total, é sobretudo opção e luta. Opção pelo homem e luta por sua desalienação” (FIORI, 1991, p. 74).

### **Viajar, recordar, ressignificar por diferentes mundos...**

Freire, depois no Conselho Mundial das Igrejas (Suíça), no/pelo qual fez inúmeras viagens para diferentes países, principalmente para o continente africano, foi ensinando-aprendendo que os seres humanos se humanizam pelos processos com os quais se integram, conscientemente, em seus contextos; para isso, o desafio histórico é desenvolver a capacidade e a coragem de refletir sobre a realidade circunjacente e

sobre a sua situação e/ou postura dentro e diante da mesma. Descobrimo-nos na condição de não sujeitos, reconhecendo a subjetividade da outra e do outro, dialogando, mesmo em situações estruturais de alienação e dominação, mulheres e homens foram encontrando luzes e brechas para iniciar marchas e lutas de transformação dessa realidade e de sua nova auto(trans)formação como sujeitos de si mesmas/os e da história na e com a qual vão se constituindo intersubjetivamente num mundo que é comum a todas e todos.

Nessas andarilhagens esperançosas e conscientizadoras, Freire cada vez mais se assume como menino-homem-educador que, “comprometido com a vida: não pensa ideias, pensa a existência. É também educador: existência seu pensamento numa pedagogia em que o esforço totalizador da ‘práxis’ humana busca, na interioridade desta, retotalizar-se como ‘prática da liberdade’” (FIORI in FREIRE, 1979, p. 3). Mobilizado por sonhos e esperanças foi ao encontro amoroso e rigoroso com grupos e povos que estavam silenciados, invisibilizados e impedidos de ser, sem conseguir desconectar-se de suas origens: “Minha primeira viagem à África reconciliou minha memória dos trópicos. De novo, andar de um lado para o outro da rua à procura da sombra tinha a significação que eu incorporava à memória de menino do Recife” (FREIRE, 2000, p. 15).

Com diferentes mulheres e homens foi construindo fraternuras no comprometimento solidário e reconhecedor do “dizer a sua palavra” como um dizer-se a partir de “seu lugar no cosmos”, ainda que não de todo consciente, mas como possibilidade esperançosa e utópica de uma outra vida e um outro mundo possíveis, testemunhando o seu amor à vida, ao mundo e às pessoas. Entre as muitas palestras em congressos e eventos trazia suas diferentes experiências com os diferentes povos de diferentes continentes; aliás, a maioria de seus livros emerge das com-vivências de diálogos conscientizadores e lutas de transformação com os diferentes grupos com quem Freire imergiu-emergiu numa cumplicidade solidária e esperançosa.

Quer dizer, já não foi possível *existir* sem *assumir* o direito e o dever de optar, de decidir, de lutar, de fazer política. E tudo isso nos traz de novo à imperiosidade da prática *formadora*, de natureza eminentemente ética. E tudo isso nos traz de novo a radicalidade da *esperança*. Sei que as coisas podem até piorar, mas sei que é possível intervir para melhorá-las (FREIRE, 2006, p. 52-54).

Em meados de 1980, foi permitido o seu retorno ao Brasil. Quando aterrissou em terras brasileiras, disse que queria “reaprender o Brasil” para nele inserir-se como cidadão e educador. Algum tempo depois, ajudou a fundar o Partido dos Trabalhadores e tornou-se Secretário de Educação do município de São Paulo com o compromisso de “mudar a cara da escola”. Para tal, visitou uma a uma das escolas, conversou com a meninada, funcionárias/os e professoras/es. Depois investiu na melhoria das condições de infraestrutura e beleza físicas dos estabelecimentos, para que todas e todos pudessem sentir-se bem e gostar de estar na escola. Mas sua maior dedicação foi para com a formação permanente com as professoras e professores, como reflexão crítica

sobre suas práticas, para mudar seu quefazer pedagógico-político e ser protagonistas amorosos e competentes de práxis educativas libertadoras e humanizadoras.

Com humildade, reconhecia que estava ajudando a fazer a diferença na educação e na sociedade para/com muitos grupos sociais que viviam como “esfarrapados do mundo” e com ele vislumbraram a possibilidade de uma nova vida, com capacidades de ser mais. E aos que intencionavam segui-lo pedia que não o imitassem, mas o reinventassem a partir de suas realidades, de suas histórias, de suas utopias e lutas no esperar.

### **Uma pequena pausa, para prosseguir logo mais...**

Com Freire, ainda hoje seguimos aprendendo a importância de assumir-nos comprometidos com algumas dimensões: – a dimensão humano-pedagógica, que nos coloca no caminhar lado a lado das pessoas e dos grupos para com elas e eles buscar novas aprendizagens nas diferentes “leituras do mundo-leituras da palavra” que levem à conscientização e ao compromisso com a transformação daquilo que está errado porque mata de fome e humilhação tantas mulheres e tantos homens em prol de sua re-humanização; – a ético-política, pela qual assumimos e buscamos ser coerentes a serviço de que e de quem colocamos nossas práxis político-epistemológico-pedagógicas; – a dimensão técnico-científica, pelo rigor com que assumimos nosso papel também epistemologicamente fundamentado e praticado nos diferentes espaço-tempos em que nos colocamos a dialogar e refletir com as pessoas, sempre com muita criticidade e criatividade; – a dimensão estético-afetiva, buscando descobrir as bonitezas e possibilidades do novo mesmo em meio às opressões com uma amorosidade comprometedora e acolhedora, vivenciada em muitas fraternuras solidárias no com-viver do diálogo rumo à liberdade.

Destarte, podemos ir construindo espaços-tempo de com-vivência de nossas genteidades, na totalidade das dimensões e aspectos da *inteireza* de nossos *corpos conscientes*. Na fraternura dialógica, vamos descobrindo e assumindo a nossa complexidade, tramada pelo entrelaçamento do individual com o sócio-histórico-cultural através de sonhos, angústias, dores, ideias, necessidades, crenças, desejos, afetividades, projetos, medos e esperanças. Nela e com ela, mulheres e homens, poderemos ir descobrindo-nos como totalidades complexas copartícipes do cosmos a partir dos “quintais dos nossos mundos” como partes de uma totalidade ainda maior, “gostando de ser gente”, sabendo-nos condicionadas/os e inconclusas/os e, por isso mesmo, capazes de *ser mais*, na ousadia de correr o risco da aventura histórica como possibilidade de vislumbrar e construir horizontes mais esperançosos.

## Referências

- FIORI, E. M. Textos escolhidos: v. II.: *Educação e Política*. Porto Alegre: L&PM, 1991.
- FIORI, E. M. Aprender a dizer a sua palavra. In: FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- BRANDÃO, C. R. *História do menino que lia o mundo*. São Paulo: Ed. UNESP, 2005.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, P. *À sombra desta Mangueira*. São Paulo: Editora Olho d'Água, 2000.
- FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.
- FREIRE, P. *Cartas a Cristina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- FREIRE, A. M. *Paulo Freire: uma história de vida*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.
- FREIRE, P.; MACEDO, D. *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- HENZ, C. I. Na escola também se aprende a ser gente. In: HENZ, C. I.; ROSSATO, R. *Educação humanizadora na sociedade globalizada*. Santa Maria: Biblos, 2007.
- MAFRA, J. O menino conectivo: a infância como ontologia do ser social em Paulo Freire. In: SILVA, M.; MAFRA, J. (orgs.). *Paulo Freire e a Educação das Crianças*. São Paulo: Big Time Editora, 2000. p. 29-56.

Recebido em: 29/09/2021

Aceito em: 08/10/2021

## Celso Ilgo Henz

Graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco (1990), Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (1995), Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2003) e Pós-Doutor pela Universidad de Sevilla Sevilla/Espanha. Atualmente, é professor titular da Universidade Federal de Santa Maria e pesquisador do PPGE na Linha de Pesquisa: Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional e do PPPG na Linha de Pesquisa: Gestão Pedagógica e Contextos Educativos. É líder do Grupo de Estudos e Pesquisa "DIALOGUS: Educação, Auto(trans)formação e humanização com Paulo Freire", registrado junto à base do CNPq. Coordenador do Projeto de Pesquisa "Círculos Dialógicos Investigativo-formativos", que objetiva uma pesquisa-auto(trans)formação permanente com docentes da Educação Básica e o Projeto de Extensão "Hora do Conto: lendo a palavra e auto(trans)formando realidades", buscando estimular o gosto pela leitura, imaginação, criatividade e criticidade. Participa da organização dos Fóruns de Leituras de Paulo Freire no RS desde 1999. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação, atuando

principalmente nos seguintes temas: auto(trans)formação permanente com professores, educação humanizadora, cidadania, leitura de mundo-leitura da palavra e Paulo Freire.  
E-mail: celsoufsm@gmail.com

### **Melissa Noal da Silveira**

Graduada em Letras-Espanhol pela Universidade Federal de Santa Maria (2001). Especialista em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS-2009). Mestra em Políticas Públicas e Gestão Educacional pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM-2017). Doutoranda em Educação na Universidade Federal de Santa Maria PPGE-UFSM (2018). É pesquisadora integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa "Dialogus – Educação, Formação e Humanização com Paulo Freire", do Centro de Educação (CE) da Universidade Federal de Santa Maria/UFSM. Possui experiência nas seguintes áreas da educação: Formação permanente com professores, Educação noturna, Humanização e cidadania na escola, Humanismo.  
E-mail: melissa@ufsm.br